



AS IDEIAS DE ROUSSEAU SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A ATUALIDADE

Lilian Maria Moserⁱ

Professora Associada do Departamento de História da
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Charlot Jn Charlesⁱⁱ

Mestrado em Geografia pela
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

RESUMO

A Educação Infantil é uma das principais contribuições da modernidade ao campo das ideias pedagógicas e seu caráter se reveste de atualidade, pois se observa o esvaziamento da infância no que ela tem de potencialmente pedagógico. Com base nesse pressuposto, este artigo que resulta de pesquisa de natureza histórico-analítico-descritiva, de cunho bibliográfico, objetiva analisar, aprofundar e trazer para a atualidade as ideias de Rousseau referentes à educação da infância, nos capítulos I e II da obra *Emilio, ou Da Educação*, os quais discutem a formação da criança até a idade de doze anos, norteados pelo papel da família (pai e mãe) na educação da infância. Com esse estudo, percebeu-se a importância das postulações de Rousseau sobre a Educação de Infância na atualidade.

Palavras-chave: Rousseau; Educação Infantil ou Educação da infância; Mãe; Pai.

ABSTRACT

The Children's Education was one of the main contributions of modernity in the field of educational ideas and its character is covered topical, because in there is a vacuum that the child's educational potential. With base in this presupposition, this article by a nature historical-analytical-descriptive, of character bibliographic. Has to deepen goals and bring to the actuality Rousseau's ideas related to childhood education, in the chapters I and II of the work *Emile, or The Education*, which accompanying their training until the age of twelve, and also address the role of the family (mother and father) in the child's education. With this study, we understand the importance posture of Rousseau on the Children's Education in the actuality.

Keywords: Rousseau; The Children's Education or Education in childhood; Mother; Father.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo analisar e aprofundar os conhecimentos a respeito da obra *Emílio ou da Educação* (1762), do filósofo genebrino Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), trazendo para a atualidade sua contribuição à discussão sobre a educação infantil e, ainda, desenvolver o conceito de Educação Infantil em Philippe Ariès.

Neste estudo, apresentar-se-á a concepção ou posição de Rousseau sobre a Educação Infantil, seu pensamento pedagógico sobre o papel da família (mãe e pai) na educação das crianças, a partir de pesquisa bibliográfica, tendo como autor Rousseau (2004), fundamentando em autores, tais como: Brosse (1997); Cerizara (1990); Eby (1978); Luzuriaga (2001) e outros.

A educação desde os tempos antigos até os dias atuais tem um papel fundamental na formação humana. No entanto, embora se reconheça seu nobre valor, ainda hoje existem várias sociedades que descuidam da educação básica, sobretudo a educação na infância (infantil), valorizando somente a educação adulta.

Registre-se que Rousseau afasta a possibilidade da criança ser confundida com o adulto e enfatiza a necessidade de ela ser tratada de fato como criança. Com essa visão, vê-se importante trabalhar o conceito de Educação

Infantil na visão rousseuniana, trazendo suas contribuições para a atualidade, com o intuito de incentivar o respeito ao direito da criança, reflexão realizada por Rousseau, postulado que se constitui como uma das principais contribuições à modernidade no campo das ideias pedagógicas.

Tal pressuposto justifica a escolha do tema desta pesquisa, realizada com o objetivo de “seguir incentivando a sociedade a valorizar a criança dando-lhe as condições necessárias para poder viver sua vida de acordo com sua idade”, como bem indica Rousseau, quando diz que a criança não deve ser tratada como um ser adulto (ROUSSEAU, 2004).

233

Nesse caso, é importante destacar o papel primordial da educação na sociedade, pois consciente deste nobre valor, vale dizer que a educação na idade adulta sem uma boa preparação desde a base não será possível ter um resultado adequado, que é formar o homem para a vida, vivendo na sociedade, uma sociedade baseada sobre princípios e regras, deveres e direitos.

2 PERFIL DE ROUSSEAU E A DESCRIÇÃO DE “EMÍLIO OU DA EDUCAÇÃO”

Jean-Jacques Rousseau nasceu em Genebra, Suíça, em 28 de junho de 1712, e faleceu na França, em 02 de julho de 1778, aos

66 anos. Foi filósofo, escritor, teórico político e um compositor musical autodidata. Teve uma infância conturbada, pois sua mãe, Suzanne Bernard, veio a falecer dias depois de seu nascimento, em decorrência do parto, e seu pai, Isaak Rousseau, que foi um relojoeiro famoso, morreu quando ele tinha 10 anos. Nessa idade, ele “ficou a cargo de uns tios, que confiaram sua educação a um pastor protestante, Lambercier, morador no campo, que lhe ensinou algum latim e outras matérias” (LUZURIAGA, 1978, p. 163).

Rousseau desde os seis anos aprendeu com seu pai a ler diversos textos (romances que sua mãe escrevia) e livros, dentre eles, os clássicos da Grécia e de Roma; *Vidas*, de Plutarco, e *Discursos sobre História Universal*, de Bossuet. Essas leituras sentimentais favoreceram a Rousseau condições de formar seu caráter sentimental e de temperamento exaltado. Mais tarde, segundo Frederick (1978), ele serviu como lacaios, estudou para o sacerdócio, praticou música, tornou-se funcionário do governo, professor de música e secretário. A leitura dos pensamentos sobre a educação, de Locke, levou-o ao campo educacional e anos depois foi educador dos dois filhos do Sr. Mably, um grande funcionário em Lião.

O seu contato com as obras de Montaigne, Leibniz, Pope, Voltaire, Descartes, Pascal, Kepler, Newton e Platão, na obra *A República*, causou-lhe muita impressão e os temas referentes ao Governo e à Educação gradualmente tornaram-se centrais no seu

pensamento a tal ponto que ele declarou ser *A República* “o mais belo tratado de educação jamais escrito” (ROSSEAU, 2004, p. 13).

Segundo Frederick (1978), as doutrinas de Rousseau revolucionaram pontos de vista sobre o governo, a religião e a vida social que possibilitaram a completa mudança das ideias dominantes sobre o matrimônio, propuseram a reconstrução da Filosofia, inspiraram um novo movimento literário e colocaram a educação em um novo rumo, levando algo novo para sociedade.

Pode-se observar que por muitos séculos a teoria e a prática da educação foram determinadas pelo ponto de vista dos interesses do adulto e da vida social adulta, esquecendo a 234 criança no seu sentido de ser, uma vez que ninguém havia sonhado que poderia haver qualquer outro ponto de vista por meio do qual se pudesse encarar a formação dos jovens.

Rousseau, com muita determinação e convicção e querendo algo novo na educação, criticou audaciosamente a formação básica, assim denominada atualmente, demonstrando não apenas como totalmente falsa, mas absolutamente prejudicial, isto é, no lugar das ideias e opiniões do adulto, propôs o respeito às necessidades e atividades da criança para o curso natural do seu desenvolvimento.

Dessa forma, no campo educativo, nenhuma mudança poderia ter sido mais revolucionária do que a rousseauiana, pois assim como “Copérnico destruiu a cosmologia

medieval, Rousseau pôs um fim às concepções teológicas tradicionais das crianças, mostrando que ela é uma criatura da natureza e que age e cresce em harmonia com suas leis” (FREDERICK, 1978, p. 291).

A partir dessa e de outras visões, ele legou esta importantíssima obra denominada *Emílio ou da Educação*, escolhida por tratar o “conceito da Educação Infantil”. Além dessa obra, citam-se as outras: *Discurso Sobre as Ciências e as Artes* (Discours sur les Sciences et les Arts); *Discurso Sobre a Origem da Desigualdade Entre os Homens* (Discours sur l’Origine de l’Inégalité entre les Hommes); *Do Contrato Social* (Du Contrat Social); e *Os Devaneios de um Caminhante Solitário* (Les Rêveries d’un Voyageur Solitaire).

O livro *Emílio ou da Educação* é composto de cinco partes, capítulos ou livros:

Livro I: trata da idade da natureza – o bebê (infância). Aborda a importância e objetivo da educação. A verdadeira mãe é a mãe e o verdadeiro preceptor é o pai. Emílio é um órfão, um aluno imaginário. Antes de falar, antes de entender, ele já se instrui.

Livro II: aborda a questão da idade da natureza, de 2 a 12 anos (puberdade). Discute: a) a educação da sensibilidade (os choros e gritos, o bem-estar da liberdade e a dependência das coisas). b) a educação moral, máximas gerais (propriedade, verdade e caridade); c) a educação intelectual, partir do interesse sensível (crítica das palavras, da história, das fábulas de La

Fontaine e proibição: “nada de livros antes dos doze anos”); e) a educação do corpo, exercícios físicos (preconceitos de higiene e natação); e f) a educação sensorial, o tato (a visão, a audição, o gosto e olfato).

Livro III: discorre sobre a idade da força, entre 12 e 15 anos. Fazem parte dessa fase: 1) a educação intelectual, da necessidade à utilidade, experiência, não palavras, construção das máquinas, importância do princípio de utilidade, um só livro: Robinson Crusoe. 2) educação manual e social, contra os preconceitos, a hierarquia dos ofícios, educação social, necessidade de um ofício manual, escolha da profissão: Emílio marceneiro. 3) Conclusão: Emílio tem poucos conhecimentos, mas os que ele tem são realmente seus. 235

Livro IV: trata da idade da razão e das paixões, entre 15 e 20 anos: 1) educação do ser moral, educação sexual, da piedade à sociabilidade, estudo de história e das paixões, a beneficência; problema da educação religiosa. 2) educação religiosa: profissão de fé do vigário saboiano: a) primeiro discurso: a religião natural, a prova da dúvida, as evidências do coração, a voz da consciência. b) segundo discurso: as religiões reveladas, crítica das religiões reveladas, diante do Evangelho: ser sempre modesto e circunspecto, conclusão prática: nem filósofo, nem intolerante. 3) retomada da educação moral, novos meios de educação: a religião, a razão, a amizade, que fazer diante do apelo dos sentidos e do coração,

entrada de Emílio no mundo, educação estética; conclusão: se eu fosse rico.

E, por fim, o último livro, que fala sobre a idade da sabedoria e do casamento, entre 20 e 25 anos. Nesse livro surge: 1) Sofia ou a mulher, semelhanças e diferenças entre os dois sexos, educação intelectual e estética de Sofia; educação religiosa e moral de Sofia; Sofia mulher comum; educação sentimental de Sofia. 2) Emílio diante de Sofia, da escolha de uma esposa, o encontro, o desenvolvimento do amor, a separação. 3) viagens, das viagens em geral, da educação política prévia às viagens, Emílio estuda os povos enquanto viaja. 4) Epílogo: a decisão de Emílio, a resposta do preceptor; o casamento.

É pertinente lembrar que Emílio é um personagem fictício que o autor escolheu para descrever como deveria ser educado o homem de zero ano até a idade de vinte cinco anos e que Rousseau é o preceptor ou professor.

Portanto, essa é a preocupação e também o que levou Rousseau ao escrever sua obra, no sentido de que a criança necessita de um cuidado especial de acordo com sua fase, não sendo forçada a ser um adulto sem ser antes uma criança, não se queimando, assim, as etapas de seu desenvolvimento. Rousseau ainda afirma que a educação começa a partir do nascimento; se ela começa com o nascimento, quanto mais forem educadas as crianças mais possibilidade de ter um homem íntegro (ROUSSEAU, 2004).

3 A POSIÇÃO DE ROUSSEAU REFERENTE À EDUCAÇÃO NA INFÂNCIA

Para Rousseau, a criança é um ser superior ao adulto porque possui uma inocência infantil e natural e tem em si a condição original de existência humana que não se encontra no adulto. Segundo Brosse (1997), Rousseau era contra as rotinas tradicionais da sua época, lutando pela felicidade das crianças e pelas necessidades da vida, por isso seu ideal pedagógico consistia em preservar a liberdade natural delas e depois promover sua liberdade moral.

A partir de Brosse (1997), pode-se 236 observar também que a Educação, em meados de 1750, apresentava diversas lacunas. Era uma época em que os pais, a pretexto de desfrutarem mais suas vidas, deixavam seus filhos sob a guarda de preceptores, amas ou governantas desqualificadas, ou conventos e colégios que tinham apenas a preocupação de transformar esses pequenos seres em adultos em miniatura.

Assim, muitos filósofos começaram a questionar sobre essas lacunas, porém Rousseau chegou a criar um ideal filosófico de um sistema pedagógico que serviria de guia na educação, a fim de preenchê-las. Era imprescindível para Rousseau que esse contexto fosse mudado, em que as crianças fossem respeitadas e criadas em um meio mais natural, longe dos interesses dos adultos e da injustiça. A partir dessa premissa

Rousseau começou a criticar os maus tratos sofridos pelas crianças a partir do seu nascimento.

Exemplificando esse fato, Rousseau relata que era muito comum, quando nascia uma criança, colocar-lhe as fraldas, deitá-la com a cabeça presa, pernas esticadas e braços pendentes ao lado do corpo. Ela era envolvida com muitos panos e bandagens de todo tipo e, infelizmente, mesmo que quisesse se mover de posição, não tinha condições por se encontrar presa.

Para ele, não era necessário envolver a criança com tantas bandagens, porque se a criança ficasse presa demais isso lhe impediria de desenvolver seus membros, atrasando seu crescimento, conforme comentário a seguir: “[...] A criança faz esforços inúteis que esgotam suas forças ou atrasam seu progresso. Ela estava menos apertada, menos comprimida no âmnio do que entre os cueiros; não percebo o que ela ganhou ao nascer” (ROUSSEAU, 2004, p. 17).

A partir do pensamento de Rousseau, ao contrário, nos povos e nas civilizações que não tinham o costume de envolver as crianças com muitos panos e bandagens, os homens eram grandes, fortes e bem proporcionados. Assim, para explicar melhor, Rousseau tomou o exemplo dos gatinhos e cachorrinhos que não eram enfaixados depois de terem nascido e ao crescerem não se deformava nenhum de seus membros. Ele aceita que as crianças são mais pesadas, mas são também proporcionalmente

mais fracas; portanto, não era conveniente acorrentá-las.

Em alguns casos, uma das explicações pelas quais as crianças tinham tantas bandagens era porque as mães desprezavam os primeiros deveres que a natureza lhes confiava, isto é, o fato de não quererem alimentar seus filhos, deixando-lhes a cargo de outras mulheres (amade-leite), que às vezes tinham outros trabalhos a serem realizadas e isso impossibilitava que dispensassem total atenção à criança.

Rousseau criticou severamente essas mães que deixavam seus filhos a cargo de outras mulheres também para se divertirem na cidade: “Essas mães meigas que, livres dos seus filhos, alegremente se entregam às diversões da cidade, 237 será que sabem que tratamento a criança enfaixada recebe na aldeia?” (2004, p. 19).

Frente a essas situações, Rousseau apresentou o quadro da família (mãe e pai) como agente importantíssimo na educação das crianças, no qual cada um tem seu papel a ser cumprido. Assim ele afirmou:

Não há quadro mais encantador do que o da família, mas um só traço mal feito desfigura todos os outros. Se a mãe tiver pouca saúde para dar leite, o pai terá ocupações demais para ser preceptor. Os filhos, afastados, dispersos nas pensões, nos conventos, nos colégios levarão para os outros lugares o amor da casa paterna. (ROUSSEAU, 2004, p. 22).

Nesse contexto, Rousseau apresentava o quadro familiar como algo encantador e no qual destacou também a importância e a exigência

que têm os pais de assumirem cada um o seu papel. Se a mãe não apresentar uma boa saúde para dar o leite, o trabalho do pai aumentaria demais, pois um trabalho para ser bem feito exige a participação de ambos.

Nessa mesma visão, observa-se, a partir de Oliveira (1993) e Matos (1979) que a família é o primeiro grupo social a que o homem pertence. Ela é a primeira agência que socializa a criança. É também a primeira agência de controle social da qual a criança participa, ocorrendo uma socialização baseada em contatos primários, mais afetivos, diretos e emocionais; assim, entende-se que a família desempenha um papel fundamental na vida formativa das crianças e uma das grandes finalidades dela é educar os seus filhos.

Rousseau também era contra aquele costume de levar as crianças a raciocinarem junto com os adultos, de se vestirem com as roupas dos adultos. Ele julgava que seria necessário deixar amadurecer a infância nas crianças, compreendendo que havia uma idade para tudo, que não seria bom forçar as crianças a raciocinarem, mas antes de tudo dever-se-ia prepara-la para entender a razão e não para um aprendizado intenso.

Dessa forma, a criança não deveria ser forçada a modelar seu espírito pela exposição de ideias que não tem condição de entender em contato íntimo com as forças e fenômenos da natureza a criança aprende a julgar, a prever a raciocinar sobre tudo que se relaciona a vida.

A educação, de acordo com as afirmações de Rousseau, é um processo contínuo que deveria durar toda a vida, não tornando a criança infeliz hoje em nome de um futuro incerto. Nessa nova educação que propõe Rousseau, o sentimento e a vida efetiva deveriam ocupar um lugar de destaque, onde a educação passasse a ser vista da perspectiva dos interesses da criança e não dos interesses do adulto. Essa criança, então, era vista como um adulto em miniatura, tratada pelos padrões adultos, aprendendo coisas de adulto e vestindo com as mesmas roupas de adultos.

Nessa nova concepção, a criança passou a ser o centro do processo educacional. O acento se deslocou do mestre, o dono de saber das normas que dá ordem para o educando, para uma nova forma de perceber e respeitar a criança em suas fases. A partir dessa visão, Rousseau é considerado o precursor da psicologia do desenvolvimento humano ao dar atenção às diversas fases do desenvolvimento da criança e ao defender uma educação diferente para cada fase, cujo processo seria determinado pela natureza da criança e de seu crescimento. 238

Com isso, Rousseau exorta os adultos a amarem a infância; favorecendo-a em suas brincadeiras, seus prazeres, seu amável instinto. Porque, quem teve uma infância feliz, sendo adulto agora, alguma vez tem saudade daquela época que viveu, em que o riso estava sempre nos lábios e a alma estava sempre em paz. Então, assim dizia Rousseau:

Por que quereis retirar desses pequenos inocentes o gozo de um tempo tão curto que se lhes foge, e de um bem tão precioso, de que não poderiam abusar? Por que quereis encher de amargura e de dores esses primeiros anos tão velozes, que não mais voltarão para eles, assim como não voltarão para vós? Não fabriqueis remorsos para vós mesmos retirando os poucos instantes que a natureza lhes dá. Assim que eles puderem sentir o prazer de existir, fazei com que o gozem; fazei com que, a qualquer hora que Deus os chamar, não morram sem ter saboreado a vida. (ROUSSEAU, 2004, p. 73).

Cada vez que não se favorece às crianças com as condições necessárias para brincar, gozar sua vida, vivendo de acordo de sua idade, faz-se a ela um mal, tirando seu bem precioso, um tempo que vai depressa e não voltará jamais, como nunca voltará para os adultos. No momento que elas sentem o prazer de existir, aos homens convém ajudá-las a bem viver esse momento, para que assim, quando Deus as chamarem, não morram sem ter vivido esse momento tão precioso.

No decorrer deste estudo, observou-se que geralmente as crianças no início, nos primeiros anos de sua vida, têm medo ou lhes é inculcado um medo das coisas ou dos objetos novos, principalmente os animais feios, causando-lhes perturbações, e, segundo Rousseau, para evitar esse problema, é importante, no momento em que a criança começa a distinguir os objetos, que haja uma seleção daqueles que devam ser mostrados. Gradualmente, a criança precisa ter o hábito de ver novos objetos de todo tipo para poder se

libertar do sentimento de medo, mesmo ao ver alguns animais ou objetos assustadores no decorrer de sua idade infantil.

Nesse sentido, Rousseau deixou um exemplo: no caso das crianças serem educadas em casas limpas, onde não há aranhas, elas terão medo de aranhas, porque nunca viram aranhas; ao contrário, o camponês que vive no campo, ao ver aranhas não terá mais medo delas, porque já se acostumou com elas. Nas palavras de Rousseau (2004, p. 50): “Quero que habituem as crianças a ver objetos novos, animais feios, esquisitos, mas aos poucos, de longe, até que se acostume”. Significa que, se durante a infância, já se acostumar a ver sem horror qualquer animal ou objeto, então não haverá objetos horrendos para elas, porque os veem todos os dias.

239

Rousseau também assinala uma outra etapa de grande importância na vida da criança que é o choro. O choro é uma manifestação de algo que não está bem na criança, ou seja, é uma forma de comunicar aos adultos algumas necessidades que elas têm e precisam ser resolvidas. Quando uma criança chora, é porque não está se sentindo bem, tem alguma necessidade que não é capaz de satisfazer por si mesma e, quando examinada, procura-se essa necessidade e procura-se satisfazê-la.

De outra forma, quando o motivo não é encontrado, não se pode ajudar a criança a suprir a sua necessidade e o choro prossegue, importunando os adultos, levando-os a mimar a criança para fazê-la ficar quieta, embalando-a,

cantando para que ela durma; se nada se resolve, perde-se a paciência e se ameaça; algumas amas brutais até batem nas crianças. Bater nelas para serem acalmadas é experiência muito ruim, porque ao bater não se resolve o problema, resultando uma estranha lição para sua entrada na vida.

3.1 O CONCEITO DE INFÂNCIA EM PHILIPPE ARIÈS

Neste momento faremos uma abordagem ao conceito de infância em Philippe Ariès (1978) com a finalidade de uma melhor compreensão do conceito de infância e como a criança é vista desde a Idade Média até os dias de hoje. Falar da infância é falar de uma das etapas da vida humana onde as instituições: família, escola, Estados, entre outros, têm seus papéis a serem cumpridos. Ao longo da história, verifica-se que desde o século XII até o início do século XX a sociedade vem criando conceitos e modelos para a infância.

Ariès, por meio de sua obra intitulada *História Social da Criança e da Família* (1978), apresenta uma análise bem profunda sobre o conceito de criança, na qual ele traçou um perfil das características da infância a partir do século XII, no que diz respeito ao sentimento sobre a infância, seu comportamento no meio social na época e suas relações com a família. Para ele, desde a antiguidade as crianças eram

consideradas seres inferiores que não mereciam nenhum tipo de tratamento diferenciado.

Foi possível constatar que a criança era tida como uma espécie de instrumento de manipulação ideológica dos adultos e, a partir do momento em que ela apresentava independência física, era logo inserida no mundo adulto. Sendo assim, a criança não passava pelos estágios da infância estabelecidos pela sociedade atual. O sentimento de infância, a preocupação com a educação moral e pedagógica e com o comportamento no meio social são ideias que surgiram a partir da modernidade, o que leva a crer na existência de todo um processo histórico até a sociedade vir a valorizar a infância.

Assim, os sinais de desenvolvimento de sentimento para com a infância tornaram-se mais numerosos e mais significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII, em que os costumes começaram a mudar, tais como os modos de se vestir, a preocupação com a educação e a separação das crianças de classes sociais diferentes. 240

Mais adiante, com o desenvolvimento do capitalismo industrial, o uso da mão-de-obra infantil contribuiu para aumentar essas desigualdades, além de que os valores dados às crianças eram os mais diversos e variavam de acordo com a época e a classe social (ARIÈS, 1978).

Concluindo esta sessão, pode-se afirmar que a obra de Ariès (1978) é uma referência que pode auxiliar a entender os problemas sociais

existentes atualmente, os quais afetam especialmente as crianças pobres de forma similar ao século XII. No entanto, foram interpretados e analisados de maneira diferente ao longo dos anos, o que proporcionou a busca de meios mais eficazes para combater o descaso com a infância e a sua desvalorização.

Também nota-se, na obra de Ariès, que inúmeras crianças no mundo não vivem a etapa de infância, devido a alguns tratos que são dados a elas, principalmente as de países e famílias das classes mais pobres. A obra de Ariès contribuiu para que se buscassem no passado explicações para as ações do presente, desenvolvendo trabalhos em prol das crianças. Foi a partir das ideias desse autor e outros que a criança veio a ocupar um espaço mais perceptível e, desde então, desencadearam-se investimentos de cunho social para que crianças ocupassem de fato o seu lugar na sociedade. Mas mesmo assim precisa ser feito muito mais para seguir valorizando a criança, respeitando as suas diferenças do adulto, isto é, vendo criança como criança, adolescente como adolescente, adulto como adulto.

3.2 O PAPEL DA MÃE OU AMA DE LEITE NO PROCESSO EDUCATIVO DA CRIANÇA

Como abordamos anteriormente, na época de Rousseau, era muito comum os pais deixarem os recém-nascidos a encargo de ama de leite, ou nos conventos, colégios e ou em outras

instituições para disfrutarem suas vidas sem terem uma grande preocupação com os bebês. Essa realidade Rousseau crítica e analisa essas práticas, achou-as inadequadas e, como resultado, definiu ou redefiniu a grande importância que têm os pais de acompanharem seus bebês, principalmente nos seus primeiros anos de vida.

Em seu discurso, ele enfatiza ainda sobre a importância que tem quando a mãe aceita amamentar seus filhos:

Se as mães se dignarem a amamentar seus filhos, os costumes reformar-se-ão por si mesmo, e os sentimentos da natureza despertarão em todos os corações. O Estado irá repovoar-se. Este primeiro ponto, apenas este ponto irá reunir tudo. Os atrativos da vida doméstica são o melhor contraveneno para os maus costumes. A agitação das crianças, que acreditamos importuna, tornar-se-á agradável; ela torna o pai e a mãe mais necessários, mais querido um pelo outro e reata entre eles os laços conjugais (ROUSSEAU, 2004, p. 22).

241

Vê-se que Rousseau propõe às mães dedicarem integralmente a seus filhos, já que ao cumprir este primeiro dever que a confia a natureza é um caminho de poder reformar os maus costumes que muitas vezes dividem as famílias, principalmente na França no século XVIII, e ainda hoje a sociedade pós-Moderna não escapa dessa realidade. O bom andamento da vida doméstica é o melhor contraveneno para evitar os maus costumes ou, melhor dizendo, para evitar a divisão nas famílias.

Em seguida, segundo Cerizara (2001), ao fazer a apologia da figura materna, Rousseau

distinguiu duas figuras de mãe: uma mãe que abandona os seus filhos e a outra que os superprotege. Quem abandonou os seus filhos não cumpre o seu papel verdadeiro e tampouco quem os superprotege. Não se deve nem os abandonar e nem os superproteger e atuando assim as duas espécies de mãe afastam as crianças da natureza: uma, por negligenciar seus deveres, sendo irresponsável frente à tarefa que a natureza lhe confia, isto é, cuidar e educar aos seus filhos e a outra, por levá-los ao exagero de tanto protegê-los, deixando-os sem proteção.

Rousseau entende que as mães superprotetoras debilitam seus filhos e não os preparam para enfrentar as dificuldades da vida; portanto, deve haver um equilíbrio: Tétis, para tornar seu filho invulnerável, mergulhou-o, diz a fábula, nas águas do Estige. Essa alegoria é bela e clara. As mães cruéis de fato o fazem de outra forma, mergulhando seus filhos na indolência, elas os preparam para o sofrimento; abrem-lhes os poros aos males de todas espécies, dos quais não deixarão de ser vítimas quando adultos. (ROSSEAU, 2004).

Rousseau afirma também, ainda do caso das mães que deixam seus filhos para serem amamentados pela ama-de-leite, cria muita confusão na vida das crianças. Pois, quando a mãe biológica leva o recém-nascido à ama-de-leite, ele nesse momento não tem nenhuma noção do que está acontecendo e lá na casa da ama-de-leite, após de alguns anos, acredita que sua mãe seja a ama-de-leite, constituindo-se sua

mãe real ou biológica. Assim, como consequência, com o passar do tempo, mais o menos aos 7 ou 8 anos de idade a criança deve mudar de lar, integrando-se na família, ou seja, retornando ao lar em que nasceu. Depois de ter um laço tão afetivo com a ama-de-leite, deve abandonar tudo para enfrentar novas realidades, morando com sua mãe verdadeira ou a mãe do sangue, a que nos primeiros meses para a criança é considerada uma estranha.

A partir de Rousseau, a separação da criança e da ama-de-leite, muitas vezes causava uma dor muito profunda ou, se a criança morasse perto da casa de ama-de-leite, causava um ciúme por parte da mãe biológica, porque a criança tem na mente a sensibilidade de dividir seu amor entre ambas, isto é, com quem cuidou dela nos primeiros anos de vida amamentando-a, ensinando-a a falar, com quem teve uma relação tão íntima e, do outro lado, em sua mãe biológica criou uma barreira em vivenciar uma afetividade intensa, necessitando de um tempo maior de adaptação, criando um mal-estar:

[...] deveria fazer com que toda mulher sensível perdesse a coragem de mandar o filho ser amamentado por outra: é o de dividir o direito de mãe, ou melhor, de aliená-lo; de ver o filho amar outra mulher tanto e mais do que a ela; de sentir que a ternura que ele conserva por sua própria mãe é um favor, enquanto a quem tem por sua mãe adotiva é um dever; pois não devo o apego de filho àquela que me deu os cuidados de mãe? (ROUSSEAU, 2004, p. 21).

Assim fica claro que se houver algum inconveniente na mudança da criança de um lar a

outro, a culpa seria da parte da mãe ao deixar para outras mulheres fazerem o que a ela deveria ter feito. Ter o carinho e a ternura pela própria mãe é considerado um bem absoluto que a criança recebe gratuitamente, e por sua vez, esse filho a ama também de forma gratuita, e, ao contrário, o que seu sentimento pela mãe adotiva ou ama-de-leite tem a caracterização de é um dever, porque a ama lhe deu um cuidado de mãe que a própria deixou de dar.

Desse modo, de acordo com Rousseau, para impedir que isso aconteça, seria bom se cada mãe assumisse seu nobre trabalho desde os primeiros anos de vida da criança e, assim, o amor da mãe não teria como ser dividido entre duas mulheres.

Rousseau, a partir de seu entendimento de como deveria ser tratada a criança, mostra que a relação entre mãe e filho é importante e imprescindível e destaca a primeira educação como a mais importante e cabe, incontestavelmente, às mulheres. Pois, ao demonstrar que só as mães têm a capacidade de amamentar às suas crianças e não os pais, prova a facilidade delas estarem próximos de seus filhos e velarem sobre seus comportamentos, ajudando-lhes a ter um melhor êxito na vida.

Rousseau, ao se dirigir às mulheres, fala da seguinte forma:

C'est à toi que je m'adresse, tendre et prévoyante mère qui sus t'écarter de la grande route, et garantir l'arbrisseau naissant du choc des opinions humaines ! cultive, arrose la jeune plante avant qu'elle meure : ses fruits feront un jour tes délices. Forme de

*bonne heure une enceinte autour de l'âme de ton enfant ; un autre en peut marquer le circuit, mais toi seule y doit poser la barrière*ⁱⁱⁱ (ROUSSEAU, 2009, p. 45-46).

Nesse trecho citado, mais uma vez o autor se dirige às mães, exortando-as ao carinho e à ternura que, pela falta, afastando seu filho de todos os maus costumes daquela época. Ele adverte as mães devem cuidar de seu filho antes que ele morra. Mesmo que muitas pessoas possam contribuir com a educação da criança, a primeira pessoa que deve começar com este processo é a mãe.

3.3 O PAPEL DO PAI OU PRECEPTOR NO PROCESSO FORMATIVO DA CRIANÇA

243

Rousseau, assim destacou a nobre importância que tem a mãe na educação dos seus filhos, também assinalou algumas tarefas que são as obrigações do pai e ele tem que cumprir pelo bom funcionamento da família e pelo bem dos seus filhos. Os pais têm por obrigação cuidar dos seus filhos e serem muito ativos no processo formativo das crianças.

Veja-se o que diz Rousseau aos pais:

Um pai, quando gera e sustenta filhos, só realiza com isso um terço de sua tarefa. Ele deve homens à sua espécie, deve à sociedade homens sociáveis, deve cidadãos ao Estado. Todo homem que pode pagar essa dívida tríplice e não a paga é culpado, e talvez ainda mais culpado quando só paga pela metade. Quem não pode cumprir os deveres de pai não tem direito de tornar-se pai. Não há pobreza, trabalhos nem respeito humano que o dispensem de sustentar seus filhos e de

educa-los ele próprio. (ROUSSEAU, 2004, p. 27).

Ao refletirmos sobre a compreensão que Rousseau apresenta com referência aos pais na educação dos seus filhos, vimos que compreendia os problemas educativos enfrentados na sua época. Esse nível de preocupações, continua presente na sociedade atual em que a educação dos filhos torna-se uma tarefa obrigatória por parte dos pais e não um favor, na opinião de Rousseau. É um dever que a natureza lhe impõe, onde homens sociáveis devem à sua espécie e a sociedade.

Na opinião de Rousseau, os pais, ao terem um filho, é lhes incumbido esse trabalho, confiado pela natureza, mas ao descuidar da sua tarefa para com seus filhos, gera um vazio na sociedade, um desconforto, um perigo no futuro, pois ao esse filho ao tornar-se um adulto, poderá ocasionar uma divisão familiar e também um problema maior à sociedade, ao estado e ao mundo tudo.

Ser pai, segundo Rousseau, não é como que muitos pensam, ou a própria ciência entende que se refere à paternidade biológica, pelo fato de engravidar uma mulher, mas vai muito além. Pois, no pensamento rousseauiano, um pai, após gerar um filho deverá cumprir com os seus deveres paternos. Porque, sua justificativa pauta-se que, quem não cumprir com os deveres de pai não tem direito de se tornar pai e também não terá nenhuma razão, fator este que o impossibilitará de não cumprir seu papel; que

seja pobreza ou outros fatores que lhe dispensar de sustentar seus filhos e de educá-los ele próprio. E ele não aceita que o trabalho seja feito pela metade, senão mas bem, tem que ser feito por completo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo esta pesquisa, vale dizer que, ao estudar a obra do *Emílio ou da Educação* e o seu autor, percebeu-se o quanto essa discussão é importante para a Educação Infantil na atualidade, pois muitas das postulações apresentadas deveriam ser aproveitadas no campo educativo das crianças, mesmo tendo havido uma melhoria no tratamento das crianças ao longo dos tempos, com a ajuda da ciência e de outras áreas, como bem explica Philippe Ariès. No entanto, ainda são cometidos diversos tipos de violência contra as crianças, principalmente da classe popular. 244

Rousseau propõe um novo olhar sobre o processo de educação da criança, porque ela não deve ser mais vista como um adulto em miniatura, mas, sim, como uma etapa indispensável do ser humano, sendo algo natural com um desenvolvimento evolutivo para chegar a etapa de adulto. Porém, Rousseau afirma que toda criança deverá vivenciar essa etapa, isto é, a “etapa de infância”. Convida a sociedade a desenvolver uma educação que favoreça às crianças, dando-lhes as condições adequadas e necessárias para que de fato possam viver de

acordo de sua natureza, de sua idade e de sua condição infantil, mas não segundo os desejos e imposições dos adultos.

Assim, a criança dentro de suas características deve ser respeitada, como a humanidade tem seu lugar na ordem das coisas criadas, a infância tem o seu na ordem da vida humana. Portanto, é preciso considerar o homem no homem e a criança na criança. Determinar para cada qual o seu lugar e ali fixá-lo, ordenar as paixões humanas conforme a constituição do homem, é tudo o que podemos fazer pelo seu bem-estar.

De acordo com a ideia rousseaniana, nos primeiros anos de vida da criança, é importante que o Pai e Mãe estejam próximas dela, não descuidem dessa belíssima tarefa que a natureza os confia. Eles devem levar homens sociáveis à sociedade, à sua espécie, ao Estado e em geral ao mundo todo. Nessa forma de pensar, se todos os pais se dedicarem em cumprir seus deveres de pais, com certeza, haverá uma educação sólida, com menos delinquência, com menos crianças nas ruas, menos pobreza; e a sociedade será baseada e fundamentada sobre valores fundamentais à vida tais como: respeito, igualdade, solidariedade, justiça, amor fraterno e outros valores humanos e sociais.

Destacando o pensamento de Rousseau, espera-se que se desenvolvam mais pesquisas, que educadores se dediquem com maior intensidade no campo educativo e se interessem

em incentivar a sociedade a respeitar o direito das crianças.

Durante a nossa pesquisa, destacamos ainda, que Rousseau, é pertinente o mérito de ser considerado um dos primeiros pedagogos da História, por conceber a criança como um ser que merece um tratamento especial e especificado e que não deve ser confundida com o adulto.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Analedy Amorim. A Concepção de Infancia na visão de Philippe Ariès e sua relação com as Políticas Públicas para a Infância. Disponível em:

narevista.ufr.br/index.php/examapaku/article/viewFile/1456/1050. Acesso no dia 15/09/2015.

BROSSE, Emilie. **A educação segundo Rousseau**. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação, 1997.

CERIZARA, Ana Beatriz. **Rousseau: a educação na infância**. 1ª ed. São Paulo: Scipione, 2001.

EBY, Frederick. **História da Educação Moderna: teoria, organização e práticas educacionais**. Trad. Maria Ângela Vinagre de Almeida, Nelly Aleotti Maia, Malvina Cohen Zaide. 5ª ed. Porto Alegre: Globo, 1978.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da Educação e da pedagogia**. Trad. Luiz Damasco Penna. 10ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1978.

MATOS, Rosa Maria Martini de. Reflexões sobre o princípio da Educação Negativa de

Rousseau. In Cadernos da Universidade de Caxias do Sul. **ROUSSEAU: Ensaio**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1979.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da Educação**. Trad. Roberto Leal Ferreira. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Émile ou de l'Éducation**. Paris: Éditions Flammarion, 2009.

SANTOS DE OLIVEIRA, Pécio: **Introdução à Sociologia da Educação**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

NOTAS

ⁱ Possui graduação em História pela Universidade Federal de Rondônia (1992), mestrado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (1995) e doutorado em Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos - Universidade Federal do Pará (2006). Atualmente é professor titular da Universidade Federal de Rondônia. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Regional, História do Brasil, atuando principalmente nos seguintes temas: história, cultura, memória, migração, religião e gênero.

ⁱⁱ Mestrando em Geografia na Universidade Federal de Rondônia-UNIR. Possui graduação em Filosofia licenciatura pela Faculdade Católica de Rondônia (2015). Membro e professor de francês do Grupo de Estudos e Pesquisas, Modos de Vidas e Culturas Amazônicas (GepCultura) - UNIR. Tem como ênfase os seguintes temas: Geografia Cultural, Desenvolvimento Regional, Cultura Amazônica, Populações Ribeirinhas, Populações Tradicionais, sob orientação do professor Dr. Josué Da Costa (2018).

ⁱⁱⁱ É a ti que me dirijo, generosa e previdente mãe, que soubeste afastar-te da estrada principal para proteger o arbusto nascente do choque das opiniões humanas! Cultiva, rega a jovem plante antes que ela morra: seus frutos farão um dia tuas delícias. Forma desde cedo um circuito ao redor da alma de teu filho; outra pessoa pode marcar o circuito, mas só tu deves colocar a cerca. (Tradução própria por Jn Charles Charlot, Acadêmico do último Período do Curso de Licenciatura Plena em Filosofia pela Faculdade Católica de Rondônia.).

Recebido em: 02/07/2018.

Aprovado em: 30/07/2018.

Publicado em: 31/08/2018.